

Afetos interditos: racismo e literatura na construção do amor e da família

Afectos interdictos: racismo y literatura en la construcción del amor y la familia

Mariana Santos de Assis¹

Resumo

Historicamente a literatura sempre teve um papel determinante não apenas para registrar práticas sociais, mas também para consolidar ideologias e criar possibilidades de interação e práticas sociais. O amor tem sido tema recorrente nas mais diversas correntes literárias e suas diferentes representações nas obras literárias têm influenciado as práticas amorosas em todo o mundo. Diante disso, tentaremos aqui mostrar um pouco dessa importância, apontando algumas questões decorrentes, principalmente, do racismo presente nas produções literárias brasileiras ao longo da história e as consequências disso para reforçar o imaginário racista da sociedade, sobretudo no que se refere às construções familiares e relações afetivas entre pessoas negras. No entanto, o ponto principal do trabalho é mostrar as estratégias adotadas pelo povo negro para (re)inventar um amor nascido das cinzas da segregação e do preconceito. A literatura negra e negroperiférica é a maior prova da potência das redes afetivas e familiares criadas pela população negra, a despeito dos ataques dos séculos de escravidão e ódio brancos. No presente artigo, mostraremos um pouco das contribuições da literatura hegemônica para a consolidação do racismo como base da nossa sociedade, destacando aquele que talvez seja seu aspecto mais assustador, a saber a tentativa de desumanização e extermínio por meio do apagamento de qualquer presença negra afetiva e familiar em nossa história literária, mas principalmente, mostraremos que a capacidade/necessidade de amar suplanta qualquer violência ou opressão.

Palavras-chave: Literatura negra; Literatura Marginal/Periférica; Amor; Romantismo; Racismo.

Resumen

Históricamente, la literatura siempre tuvo un papel determinante no solo en el registro de prácticas sociales, como también para consolidar ideologías y crear posibilidades de interacción y prácticas sociales. El amor ha sido un tema recurrente en las más diversas corrientes literarias y sus diferentes representaciones en las obras literarias han influido en las prácticas amorosas en todo el mundo. A la luz de esto, intentaremos mostrar aquí un poco de esta importancia, señalando algunas cuestiones derivadas principalmente del racismo presente en las producciones literarias brasileñas a lo largo de la historia y las consecuencias de esto para reforzar el imaginario racista de la sociedad, sobre todo en lo que respecta a las construcciones familiares y las relaciones afectivas entre personas negras. Sin embargo, el punto principal del trabajo es mostrar las estrategias adoptadas por los negros para (re)inventar un amor nacido de las cenizas de la segregación y el prejuicio. La literatura negra y negroperiférica es la mayor prueba del poder de las redes afectivas y familiares creadas por la población negra, a pesar de los ataques de siglos de esclavitud y odio de los blancos. En este artículo mostraremos un poco de los aportes de la literatura hegemónica a la consolidación del racismo como base de nuestra sociedad, destacando lo que es quizás su aspecto más aterrador, a saber el intento de deshumanizar y exterminar a través de la borrado de cualquier presencia negra afectiva y familiar en nuestra historia literaria, pero principalmente, mostraremos que la capacidad/necesidad de amar supera cualquier violencia u opresión.

Palabras clave: Literatura negra; Literatura marginal/periférica; Amor; Romanticismo; Racismo.

¹ Mestra em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Unicamp; Campinas, São Paulo, Brasil; iel.mary06@gmail.com.

1. Introdução

Não há dúvidas sobre a complexidade e importância da literatura para a formação cultural da sociedade moderna, bem como sua importância para nos tornar humanos (CANDIDO, 2004). Porém, apesar do contato com povos negros desde o final do século XV, a presença negra na literatura só começa a ser realmente significativa na segunda metade do século XIX, após os primeiros processos de abolição (CASTILHO, 2004). Tal situação não muda no pós-abolição.

Nesse contexto, um tema em especial chama a atenção por sua recorrência na literatura antiga e moderna e por sua função ideológica: o amor. Negros escravizados mantiveram relações amorosas estáveis na colônia (SLENES, 2011; DEL PRIORE, 2015), mas, apesar disso, as relações amorosas entre escravizados pouco ou nada inspiraram os grandes poetas brancos.

Na verdade, a literatura cumpriu um importante papel no processo de consolidação de um discurso de desumanização dos sujeitos negros, bem como do mito da democracia racial. Embora a temática racial tenha se tornado corrente apenas no século XIX, ela está presente na literatura brasileira desde o século XVII, sobretudo na obra satírica de Gregório de Matos, na qual podemos identificar posturas reveladoras das relações raciais no período (PROENÇA FILHO, 2004).

Em sua poesia, o Boca do Inferno, como era conhecido, reforça a imagem das mulheres negras na sociedade colonial, “inferiorizadas por sua condição feminina, racial e servil no imaginário colonial. Mais desonradas que as solteiras do Reino, pois além de ‘putas’ eram de cor” (DEL PRIORE, 2015, p. 61). Del Priore (2015) chama a atenção para a relação entre a postura de Matos e o ditado popular usado por Gilberto Freyre para definir o papel sexual das mulheres na sociedade colonial: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”.

A animalização dos escravizados negros era uma prática comum, segundo Slenes (2011, p. 142), “associar escravos e gado – não apenas como semoventes, categoria codificada em lei, mas também como seres sexualmente desregrados – era comum na época”. Ainda segundo o autor, a certeza, por parte dos brancos, da falta de civilidade e ordem nas sociedades negras levou-os a diferenciar a família e a sexualidade negra da branca, mais um aspecto do processo de racialização apontado por Carneiro (2005).

2. Racismo nada cordial: Breve histórico do negro na literatura brasileira

A partir do século XIX, a necessidade de construção de uma identidade nacional levou ao recrudescimento da exclusão e da brutalização do negro na literatura, ora por meio do completo apagamento de sua figura nas grandes obras ora por um discurso aberto de animalização. Ao longo do século XX, o mito da democracia racial ganha força, graças aos trabalhos de importantes estudiosos, como Gilberto Freyre. Na literatura, vemos aumentar a presença de protagonistas negros, porém ainda sob os mesmos estereótipos, agora usados para reforçar a importância da miscigenação.

Ao percorrer as páginas da literatura e da historiografia hegemônicas, vemos demonstrações de amor, garantidas, algumas vezes, para as mulheres negras como a escrava mãe. Freyre (2003) descreve as relações entre as negras e as crianças brancas de modo a apagar o conflito e, novamente, submeter a possibilidade/capacidade de amor de sujeitos negros à

presença/convivência branca. Aos homens negros não cabe nada além de um legado biológico e uma tipificação puramente de virilidade totalmente despida de humanidade.

Diante disso e tendo em vista a hegemonia branca na produção literária nacional, ainda nos dias de hoje, vemos a importância de dar voz a poetas e escritores negros e negras. Tal importância se deve ao fato de que apenas eles e elas são capazes de compreender e transmitir os efeitos do racismo e da tentativa de privação do sentimento amoroso em suas vidas, uma vez que “Num texto literário há essencialmente um aspecto que é *tradução* de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem” (CANDIDO, 1996, p. 17).

Nesse sentido, concordamos com intelectuais voltados à discussão dessa temática, como Duarte, 2009; 2013; Proença Filho, 2004; Damasceno, 2003; Silva, 2013, sobre a necessidade urgente de dar voz a escritores e escritoras negros e negras. Ao analisar a produção literária afro-brasileira desde o século XIX vemos desenhar-se uma imagem quase inusitada, diante de nossa formação racista, do negro brasileiro. Pessoas com sentimentos intensos, beleza admirável, valores e cultura relevante e rica povoam as produções de artistas ainda pouco conhecidos do grande público e estudados de forma ainda muito aquém de sua grandeza.

Já no século XIX vemos despontar uma série de escritores, sobretudo poetas, negros, porém, como aponta Damasceno (2003), essa produção ainda é cerceada pelas consequências do racismo. Segundo a autora, havia uma tendência a rejeitar textos voltados para os lamentos relacionados à escravidão, discurso destoante da tônica ufanista vigente no Romantismo. Autores como Gonçalves Dias teve suas poucas obras voltadas à temática racial totalmente esquecidas (DAMASCENO, 2003), outros, como Machado de Assis e o poeta Cruz e Souza tiveram sua obra deturpada por um patente processo de branqueamento e distorção de suas abordagens da temática racial (DUARTE, 2009; 2013; DAMASCENO, 2003).

No entanto, em meio ao nacionalismo, às musas brancas, ao amor burguês e condicionado ao cristianismo, algumas vozes negras se destacam e começam a esboçar um projeto literário voltado para uma real humanização do negro no Brasil. Destacam-se nesse contexto Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis.

Durante o século XX, a produção literária negra tem seu auge e as respostas ao mito da democracia racial e o discurso de empoderamento e orgulho negro dão outras cores a essa poesia, que se funde ao debate político de combate ao racismo e uma visão de arte e cultura afrocentradas começa a se consolidar. Vemos se desenhar uma produção literária original capaz de romper com os padrões estéticos, temáticos e, evidentemente, ideológicos da literatura hegemônica. Nomes como Solano Trindade e Lino Guedes oferecem grandes contribuições para começarmos a pensar a musa negra, o herói negro e os (des)caminhos para o amor afrocentrado.

Um dos principais momentos da literatura negra, até os dias de hoje, foi a publicação, em 1960, de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus e dos *Cadernos Negros*, em 1978, um marco não apenas para a literatura, mas para toda a militância negra que, desde os primeiros anos do pós-abolição, se desenvolve em torno da literatura e da imprensa negra (SILVA, 2013).

Por fim, chegamos ao final do século XX e início dos anos 2000, quando nos deparamos com um movimento novo e agora voltado para a subjetividade de negros e negras que, além das mazelas do racismo, são também animalizados por sua condição social. A literatura marginal/periférica representa um novo momento nesse processo e apresenta outros ângulos das relações amorosas, familiares e afetivo-sexuais de pessoas negras.

Referências

- CANDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações /FFLCH-USP: 1996.
- _____. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339p. Tese (Doutorado em Educação junto à área de Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina, v.17-A, p. 06-18 dez. 2009.
- FREYRE, Gilberto. _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia Patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, 18 (50), 2004.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.